



Quinzenário • 2 de Junho de 2012 • Ano LXIX • N.º 1780 • Preço: 0,33 € (IVA incluído)

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

UMA jovem mãe, que ajudámos, há pouco tempo, no cumprimento da mensalidade da sua casa ao Banco, veio com o marido agradecer e reiterar que a situação da família continua afitiva. Ele, desempregado, homem de ar sério perante a vida; e ela, empregada, a receber 400 euros pelo seu trabalho. Se não fosse o volumoso compromisso bancário, todos os meses, a vida correria pobre, mas sem aflições. Com elas sempre presentes, é ela que aguenta com todos os encargos da família, que tem duas crianças, mas o salário recebido não dá qualquer ânimo para olhar a vida com esperança.

Vieram também animados em que lhes dessemos mais um amparo. Eram as facturas da água e da electricidade, rondando, na totalidade, 70 euros, em risco de não conseguirem pagar para manterem este bem. Estavam a renegociar com o Banco a sua prestação mensal, depois de outras tentativas frustradas no passado, agora, parece, com maior possibilidade de aliviarem este peso que lhes tolhe a vida.

Outra mulher, em situação idêntica, com o marido há vários meses sem receber ou recebendo, por vezes, o ordenado em valor reduzido, mãe de três filhos, sendo um deles doente, também ela o ganha-pão da família pelo valor mínimo oficial. Com ela trazia a factura da electricidade e a renda da casa em falta, atestando a sua situação com uma carta do seu Pároco. A primeira ficou logo resolvida, mas a segunda ficou a aguardar que o novo emprego que o marido agora iniciou, permita cumprir esse encargo.

O lema de Pai Américo continua por cumprir: «Cada freguesia cuide dos seus Pobres»! Nós, os cristãos, continuamos, hoje, a ser postos à prova para mostrarmos as razões da nossa fé: *Tive fome e deste-me de comer, deste-me a mão e não caí, no desânimo e desespero me fizeste recuperar a esperança, com a tua ajuda a minha família não de desfez...*

O amor ao próximo não o substitui nas suas responsabilidades. O Amor é força que dá esperança e ânimo para que se vençam as dificuldades. É uma ajuda fundamental de que carecemos em toda a nossa vida, qualquer que seja a situação que experimentamos. A Fonte dele é uma só, é Aquele que precisamente nos manda fazer como Ele fez.

Precisamente por isso, é que a esperança por uma vida melhor, como tantas vezes se diz, não assenta numa economia e bem-estar garantidos, mas numa franca e fraterna relação entre as pessoas, que tem a sua origem na Fonte de todo o Bem. Estes maus momentos por que passam as actuais sociedades, que se repetem ao longo da história, são uma chamada à verdade do homem e da comunidade que deveriam constituir.

Uma terceira mãe veio com seu bebé de sete meses, embrulhado num cobertor, a pedir para as vacinas e outros medicamentos por não ter tomado aquelas há dois meses, disse, pelo que apanhou uma anemia. A face da mãe também não augura muita saúde, que o desemprego do pai da criança não ajuda a melhorar. Ainda assim um sorriso mostra algum alento, quem sabe se força transmitida pelo bebé — é da vida que vem a vida. □

PENSAMENTO

Pai Américo

A gente semeia palavras a esmo nas páginas brancas do jornal que logo são apanhadas pelo coração de quem nas lê, como fazem as pombas ao trigo das sementeiras — e tudo é alimento.

in *Pão dos Pobres*, 1.º Vol.



As nossas Festas

REALIZÁMOS, em Ermesinde, a nossa primeira apresentação. A grande maioria dos Rapazes nunca tinha subido a um palco para representar, cantar ou dançar. Quem os viu não deu conta disso, tal o à-vontade com que cumpriram o seu papel.

Uma das famílias que esteve presente e assistiu enviou-nos a sua apreciação: «Foi um Belíssimo espectáculo. Tive o privilégio de poder ir com o meu marido e três filhos. Todos adoraram. Parabéns pela representação, música, dança e comédia! Bem-hajam e esperamos poder vos rever!»

Nós sabemos que temos aspectos a melhorar, na forma de transmitir a nossa mensagem. Não se trata tanto de aperfeiçoar o exterior das representações, mas de chegar ao coração dos Amigos, para que melhor acolham a nossa mensagem de simplicidade, que encanta, em que o Rapaz se revela.

Tal como as equipas desportivas aproveitam o intervalo dos jogos para fazer acertos, assim nós nos dias que medeiam entre as Festas. Queremos que os nossos Amigos fiquem mais felizes depois de assisti-

rem à «Festa dos Gaiatos».

As próximas que iremos realizar são as que a seguir se indicam. De outros lugares já recebemos convite para neles estarmos presentes, mas não sendo por agora possível, procuraremos no próximo ano corresponder.

27 de Maio, 15.30 h

Cripta da Igreja Matriz de S. Pedro da Cova

2 de Junho, 21.00 h

Salão dos Bombeiros Voluntários da Trofa

9 de Junho, 16.00 h

Salão Paroquial de Valongo

16 de Junho, 21.00 h

Centro Social e Cultural da Paróquia de Valbom

23 de Junho, 21.00 h

Salão Paroquial de Fornos, Marco de Canaveses

30 de Junho, 21.00 h

Vila Boa do Bispo, Marco de Canaveses □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

FEZ-ME luz na alma o desa-
bafo de Pai Américo, publicado no último O GAIATO: «O pobre é coisa tão santa, e tão divina a missão de o servir, que unicamente sabe o que diz quem for pobre ou servo deles, as experiências não se transmitem».

Quantas vezes tenho pregado, aos outros e a mim próprio, que o Reino de Deus só é perceptível por quem O vive. Só acredita n'Ele, quem O experimenta. Para os outros, é uma loucura. Podem pregá-l'O, mas a sua palavra é oca. Não atinge ninguém, muito menos a eles próprios: «Olham e não vêem. Ouvem e não escutam», como dizia o Mestre. Os seus sentidos estão anestesiados.

As experiências não se transmitem. Prova quem O saboreia.

Dá-se connosco, na nossa relação com os Pobres e com quem nos apoia. De quinzena a quinzena lá aparece um ou outro leitor d'O GAIATO que nos auxilia, pela primeira vez. De resto são sempre os mesmos. Lêem o *Património dos Pobres*, estão atentos e sacrificam-se em verdadeira comunhão com as aflições que os Pobres me trazem.

Uns, de vez em quando. Outros, todos os meses, por transferência bancária, cheque, vale de correio, como sacrificado compromisso com Deus. Prova de abertura ao Seu Reino.

Dou contas. Não do dinheiro

que gasto, mas daquele que recebo. Faço ao contrário do mundo, na certeza de que os meus benfeitores confiam que ele vai direitinho ao Pobre.

Duzentos euros, da Rua Júlio Dinis, do Porto, por três vezes, de quem nos pede que rezemos pelos seus falecidos. O mesmo, de Isabel, de Lisboa; Maria de Lurdes, de Oeiras; de Ponte de Vagos, com um pedido transcendente e sensato: «Peça ao Senhor da Vida pelos meus pais e sogros que sempre nos ensinaram a poupar e a não nos iludirmos com publicidade enganosa».

Idem, de Bucelas e de Castelo Mendo, a dizer-me que não morrerei. Sim, espero vencer a morte com o Espírito de Deus!

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

MOÇAMBIQUE

Américo Lucas Torres

Os *tios* Zé Manuel e Lourenço, mestres de electricista e serralheiro, há 20 anos nesta Casa do Gaiato de Maputo, deixaram o seu lugar para os manos mais novos. Agora é o mano Samuel quem está responsável pelas duas oficinas.

No dia 13 de Maio fizemos a nossa peregrinação até ao ponto mais alto da montanha. Foi um momento muito especial para lembrar Nossa Senhora, da Terra e do Céu.

Todos os anos costumamos fazer um grande trabalho com a população à nossa volta na educação e prevenção do meio ambiente. Este ano vamos celebrar o dia do Meio Ambiente com uma grande recolha de lixo e demonstração de aproveitamento do mesmo.

Graças a Tropigalia, temos mais um mano com o emprego garantido, desta vez foi o mano Manuelito que estava a trabalhar como voluntário no Posto Médico da Massaca. Esperamos que tenha sucesso.

O nosso agradecimento à Academia do Bacalhau que, com tanto caminho, tem acompanhado o nosso dia-a-dia. No último jantar, todos contribuíram com um saco de arroz de 5 kg, oferta da DINCORE.

No dia 1 de Maio como os nossos trabalhadores não tiveram vencimento partilhámos com eles um pouco do que tínhamos: um saco de arroz e um frango. A alegria foi completa. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGROPECUÁRIA — Voltou a chover, a partir de meados do mês, o que foi bom para as nossas culturas. Os campos de aveia ficaram melhores, mais verdes. De 14 a 16 de Maio, fizeram-se lavouras em alguns terrenos, semeou-se batata e milho, na *terra nova* e no *lameiro*. Depois, aplicou-se herbicida. A nossa área agrícola à volta da rotunda Padre Américo ficou assim toda cultivada, como é costume, depois da avaria do nosso velho tractor.

Os jardins do Sr. Padre Horácio, em frente ao refeitório, que foram arranjados, têm lindas rosas. No jardim da piscina, já nasceu a relva.

EDITAL — Mesmo na era digital, houve necessidade de colocar um edital à vista, num átrio à subida das escadas para a *casa-mãe*, em que estão marcadas as nossas obrigações, aniversários e outros textos com interesse.

SAÍDAS — Por decisões dos Tribunais, foram transferidos o Aquilino e o Grazina, a 18 de Abril e a 16 de Maio, respectivamente. O Miguel regressou à sua família, a 27 de Abril. Felicidades!

PADRE QUIM — De passagem pela nossa Casa, o que aconteceu nas outras, esteve o Padre Quim, que já regressou a Angola. Bom trabalho! □

BENGUELA

Pierre Daniel

FÉRIAS TRIMESTRAIS — Assim como na Obra da Criação do mundo houve repouso, também nós vamos aproveitando estes dias para repousar e recarregar baterias.

A atmosfera da nossa Comunidade não é inseparável do exterior, para uma espécie de respiração moral, tal como o ar é necessário ao corpo para a respiração física.

Na nossa Comunidade, as férias estão a ser bem aproveitadas por cada um, segundo o seu aproveitamento no âmbito disciplinar, refiro-me, concretamente, ao comportamento na Escola. Com direitos iguais, a educação, a saúde, o acompanhamento, em geral, é repartido de igual para igual.

Dentro deste princípio, uns foram premiados e outros não foram, por causa do número elevado de faltas na Escola. Coragem para os castigados e melhorias para este segundo trimestre que já está à espreita! □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

PARTILHA — Caros Leitores, depois de uns tempos sem dar notícia dos vossos contributos, aqui vai ela hoje, com base nas cartas que nos chegaram, há uns dias atrás, da administração do jornal, relativas ao período desde o final de 2011 até Abril.

Do assinante 28708, de Coimbra, 50€ para distribuir entre a assinatura do jornal e a Conferência. Da D. Maria Luísa da Régua, 50€ “lastimando não poder dar aquilo que tanto desejaria”. Claro que não há nada aqui a lastimar. Da D. Odete, da Parede, 50€ para “usarmos como muito bem entendermos”. Muito obrigado, assim faremos.

Da D. Maria José de Cardigos, 250€ para distribuir entre a assinatura do jornal e a Conferência. Muito obrigado pelas referências pessoais que nos faz na sua bonita carta. Do assinante 57558, 300€. Muito obrigado pela generosidade e regularidade. Do assinante 59467 de Ponte de Sôr, mais 100€. Da assinante 5963, de Paço de Arcos, 1000€, por duas vezes, a distribuir pelas Casas de África e pela Conferência. A um e outra, também muito obrigado pela generosidade e regularidade. Da D. Maria Manuela, do Porto, 200€ para distribuir entre a assinatura do jornal e a Conferência, “para ajudar alguém mais necessitado”. Muito Obrigado, assim faremos.

Do assinante 22165, antigo gaiato de Paço de Sousa, emigrado em França, 50€. A distância não faz esquecer as origens. Bem haja por isso. Do assinante 17844, de Oeiras, agradecemos os 50€. Do assinante 9478, de Lisboa, também agradecemos os 50€. Da D. Maria Guilhermina, de Lisboa, muito gratos pelos 400€ a distribuir entre assinaturas do jornal e a nossa Conferência. Das Irmãs de S. José de Cluny, bem-hajam pelos 25€.

Da D. Maria Luíza, de Rio de Mouro, muito obrigado pela sua “insignificante contribuição” e pelas carinhosas referências pessoais. Da sempre presente D. Lurdes, do Cacém, os seus “habituais posinhos”.

Bem-hajam estes e os outros que tanto nos ajudam a ajudar o Próximo. □



Moçambique — o ponto mais alto da montanha.

PAÇO DE SOUSA

VISITA DOS NOSSOS PADRES DE ÁFRICA — Recebemos, na nossa Aldeia, o nosso Padre Telmo e o nosso Padre Quim, da nossa Casa do Gaiato de Malanje. Também recebemos, há pouco tempo, o nosso Padre Zé Maria da nossa Casa do Gaiato de Moçambique.

O Padre Quim tem andando a visitar as nossas Casas do Gaiato, aqui, em Portugal.

FESTA DOS GAIATOS EM ERMESINDE — Começámos a preparar a nossa Festa em Ermesinde, no sábado de manhã. Quatro rapazes, juntamente com o nosso Padre Júlio, carregaram a carrinha com o material de luz e de som.

A meio da tarde, dois rapazes e o «Almeidinha» levaram e prepararam o material no Salão Paroquial; e ao início da noite, chegaram os restantes rapazes das Festas e com eles trouxeram as roupas para as várias apresentações — era notório o estado de ansiedade.

Começaram as nossas Festas com um salão bem composto e, no final, os nossos Amigos sentiam-se felizes e com a certeza de que valeu a pena sair de casa para se divertirem e conviverem um pouco connosco.

Esperamos ter, nas próximas terras por onde passaremos, um ambiente confortável e muitos Amigos entusiásticos na plateia.

AGRICULTURA — Com a grande quantidade de favas que temos vindo a colher, os nossos rapazes, enquanto

rezam o Terço, têm feito a debulha e selecção. Vamos recolhendo, pouco-a-pouco, as nossas cebolas, que são grandes e muito bonitas.

Com o aproximar do fim da Primavera, fez-se a silagem das ervas de Inverno. Aproveitámos para se sulfatar as batatas e a vinha.

Zé Reis

DESPORTO — Depois de termos parado uma semana, agora, recebemos a brilhante equipa do Aliança F. C. Gandra da A. F. Porto. Um jogo que decorreu com toda a normalidade.

A acompanhar a equipa, para além da respectiva equipa técnica, vieram alguns carros particulares, familiares dos atletas.

Gandra não fica muito longe de Paço de Sousa mas, o treinador, que já não é nenhuma criança, só tinha vindo aqui a Casa quando era pequeno. Quando lhe telefonamos, ele fez uma curta paragem e, de seguida disse: «Vamos. E vamos com todo o gosto. Quero recordar a minha infância. Já não vou à Casa do Gaiato desde...». Quando cá chegou, quis saber... e foi-lhe tudo explicado. Mais um que ficou admirado e, ao mesmo tempo, revoltado, pelas «judiarias» que nos fazem sem justificação credível e coerente. «Hoje já não se pode dar a educação como deve ser» — acrescentou. E pior ficou o «doente», quando soube da origem de alguns que, em vez de ajudarem a construir, contribuem para a destruição do bem-estar de quem precisa — que são os Rapazes.

LAR DO PORTO

Olga e Valdemar

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Segundo parece, nada está a ser mais ameaçado do que a Esperança. Pensa-se construir o futuro. Então e o presente? Deixam-se morrer, à mingua, os milhares de idosos e doentes? E os desempregados? Onde está a Esperança no futuro. Sabemos que o irreparável existe e que o passado é irremediável.

Mas o que importa, antes de mais, é avançar, pois só isso interessa. Quando passamos ao largo dos sofrimentos, às necessidades de cada um, o homem de papel, pode ignorar Cristo e passar por Ele, mas o homem de carne e sangue não.

É preciso lembrarmo-nos, que Cristo entrou no centro de cada miséria humana, fazendo-a sua, a ponto de já não podermos ignorar, repelir, pisar e explorar uma oculta ou gritante miséria, sem explorar, pisar, repelir, ignorar Jesus Cristo.

Nunca como agora, a nossa Conferência foi tão necessária. Nunca como agora, a nossa Conferência passou tan-

tas necessidades. No meio, tantos que nos procuram e, infelizmente, à maior parte temos que dizer não. É pena que não possamos ir tão longe quanto desejariamos.

A nossa falta de meios para acudir a todos os pedidos, é gritante. Também a falta de almas que queiram encontrar Deus no rosto dos nossos Irmãos mais carenciados.

Há luzes exteriores tão potentes, que conseguem ofuscar as luzes interiores, que chamam por nós para caminhos mais humildes e que conduzem a Cristo.

Quando tomamos consciência do nosso dever, mesmo que pouco vistoso, então, seremos felizes. Só então podemos viver em paz e morrer em paz, porque aquilo que dá sentido à vida, dá sentido à morte.

Por vezes, somos tentados ao nosso isolamento; mas isso não será antes egoísmo? Desculpamo-nos com a necessidade de repensar a nossa vida. Não será antes para fugir aos problemas nela existentes? O mendigo que passa

Em relação ao jogo, foi muito bem disputado. Joaquina abriu o activo logo aos dois minutos, a passe magistral de António Pedro que, fez o melhor e o pior neste jogo: fez este passe, falhou um golo a dois palmos da linha de golo e, apresentou-se para jogar, muito cansado — devia ser ainda por causa do Sporting...!

Depois de termos inaugurado o marcador, logo aos dois minutos, eles também quiseram dizer que sabem, e quatro minutos depois, igualaram a partida. Resultado ao intervalo. Uma primeira parte meia «empapada» e com muitos «truques»... à mistura.

Já se tinha substituído A. Pedro nos primeiros 45 minutos por André «Garnisé», mas para a segunda metade, saiu Erickson e Hugo Pina, tendo entrado para os respectivos lugares: André «Espanhol» e Ricardo Sérgio. Com estas alterações, foi tudo muito diferente. Joaquina voltou a marcar e outros lhe seguiram as pisadas, como por exemplo: Ricardo Sérgio que marcou e fez sorrir toda a assistência com aquele golo de antologia; André «Espanhol», também fez o gosto ao pé; André «Garnisé» não quis ficar atrás e marcou; e, por fim, cá do meio da rua e com pontapé «canhão», Rogério, mandou a bola para o fundo da baliza e fez o 6-1.

Tudo acabou em bem, como é normal, com alguém a dar-nos os parabéns pela rica equipa que temos. E temos!

Em estilo de brincadeira, alguém nos perguntou quem era o empresário de alguns..., ao que nós respondemos... que nesta altura, não está ninguém à venda. Pelo contrário, precisávamos de fazer mais algumas aquisições!

Alberto («Resende»)

por ti, não está isolado todos os dias? Um doente que, se calhar, mora ao teu lado, alguma vez recebeu a tua visita? E nós a pensar em isolarmo-nos... Temos que lutar para sermos solidários com o nosso semelhante, com a virtude — com Deus. Ele desce até às coisas para as transformar. Desce até ao Pobre, para fazer reflectir nele a luz do Seu Rosto. E nós, que fazemos? Cegámos com essa Luz. Fugimos dela, para não nos ferir os olhos.

Ainda há bem pouco tempo, uma nossa colega estava muito preocupada com a sua amiga, que visita, cujo marido fazia mais vida com a mãe dele do que com ela. Deixou a mãe para passar a viver então com a mulher e com os seus filhos. Mas com ele, levou também uma dívida de 300 euros por mês. Agora a mulher que mal ganha para sustentar os filhos, não vê como resolver o assunto. Nós, na nossa Conferência, continuamos com os nossos olhos bem abertos, mas ofuscados com as lágrimas que caem em cima da mesa das nossas reuniões, por não podermos ir tão longe como é nosso desejo.

Continuamos a confiar nos nossos amigos e em Deus. E que Pai Américo continue a interceder por todos nós. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Padre Arsénio

MORREU o Padre Arsénio, Pároco de Nossa Senhora do Amparo, em Portimão. Ou melhor, passou para a Vida Definitiva de união plena com Deus o Padre que continua a pastorear, na proximidade íntima do Único Pastor, a Comunidade que tanto ama. Conheci-o quando ele era responsável do então Vicariato da que seria, mais tarde, Paróquia de Nossa Senhora do Amparo.

Carregava peixe na lota de Portimão, como o mais humilde e esforçado carrejão, comungando a árdua vida daqueles homens, ganhando o pão de cada dia e anunciando, profeticamente, a fraternidade de Jesus.

Vivia-se o ardor do Vaticano II, em que a Igreja Católica se envolvia, na mística e na prática, em assumir, em primeiro lugar, os mais Pobres.

O Padre Arsénio pretendia atingir o estado dos humildes carregadores de peixe e conseguiu-o da forma mais prática e mais eficaz, fazendo-se um deles.

Assim o Pastor conhecia as suas ovelhas mais desgarradas, e elas iam-no descobrindo. Um verdadeiro estágio pastoral.

Durante muitos anos, animador comprometido com a rádio do Barlavento Algarvio, sempre que me apanhava, obrigava-me a dar-lhe uma entrevista.

Homem de vasta cultura e grande ideal, as suas perguntas eram direccionadas para o desprendimento, a confiança na Providência, o amor dos Pobres e a ousadia no crédito da liberdade dos rapazes.

Logo no princípio celebrava, ao Domingo, a santa Missa num grande salão, cedido, para o efeito, pela família Nobre.

Era às sete da tarde.

Eu tinha começado a falar da Obra e dos Pobres, nesse dia, às sete da manhã, na Capela de São José e seguia, depois, às oito, na Igreja da Misericórdia; às nove, na Matriz; às dez e trinta, no Largo de Santa Catarina, na Praia da Rocha; ao meio dia e às dezoito horas, outra vez na igreja Matriz; e às dezanove horas, no Salão do Vicariato de Nossa Senhora do Amparo.

Tudo com a abertura plena dos então Párocos de Portimão. Vinha, no entanto, desgostoso com dois, de outra cidade algarvia. Um, porque estava a fazer

um muro de suporte no adro da igreja; outro, porque andava a pintar a torre. Que, este ano, não.

Quem vai pedir sujeita-se a tudo. É a condição do Pobre. O sim, alegra-nos; o não, entristece-nos. É que não ia exigir nada a ninguém, muito menos aos Padres. Procurava, sim, pregar a Palavra de Deus dirigida ao Povo cristão que tem a responsabilidade sagrada, também, de cuidar dos Pobres.

Após ter pregado, às dezanove horas, no Salão já mencionado e sentido que o Povo me escutava, sem pestanejar, celebrei com o Padre Arsénio, já em grande alívio, por ser a última vez, naquele dia, e em acção de graças pelo júbilo que me inundava. O Salão estava à cunha e apercebi-me que o ofertório, feito para a Casa do Gaiato, tinha sido muito generoso.

O dia para mim tinha acabado. A viagem, a seguir, para Setúbal não me atrapalhava.

Era um Domingo de Agosto. Muita gente de Lisboa e de outras cidades gozavam as suas férias nas cálidas águas do mar algarvio.

Foi um dia em cheio. Trazia comigo dois rapazes que me ajudavam a recolher as dádivas e a arrumá-las na bagageira do carro, estacionado perto da saída. No fim da celebração, o Padre Arsénio, como sempre, fez um comentário elogioso à Obra do Padre Américo, à nossa presença e à palavra por mim proferida. Deu a bênção, mas, antes de despedir a assembleia, uma senhora sobe ao ambão e anuncia que: «*No primeiro Domingo de Outubro iremos lançar a primeira pedra da nova igreja*».

Foi um raio de luz poderosa que me atravessou da cabeça aos pés e permanece ainda na minha memória, penso, que por toda a vida.

«Então, esta gente vai fazer uma igreja!?... Não me diz nada! Abre as portas do púlpito e do seu altar com este à-vontade, enquanto outros, por motivos fúteis, me mandam embora!...

Espera que eu já vos digo», falei comigo próprio.

Fui à mala do carro, onde tínhamos juntado os pedtórios todos do dia em dois sacos e trouxe-lhes um: — *É para a vossa igreja*.

Quanto foi? Não sei. O Padre Arsénio segredava-me, nos anos seguintes, que nunca lhe deram tanto.

Homem de vida austera e pobre. Rude no primeiro contacto mas de coração doce e muito feliz no convívio. Audaz nas iniciativas, confiante na Providência sempre, sobretudo nas dificuldades.

Recebia-nos como podia. Mesmo na pobreza a sua abertura consolava-nos, a mim e aos rapazes. □

Caridade. Vivemos neste mundo como se não fossemos dele, mas aspirando às coisas do Alto, pelo que será melhor olhar para as aves do céu, que constroem os seus ninhos simples. Não nos podemos subordinar a ditames que achincalham as pessoas, perfilando o eugenismo, isto é, o poder dos fortes e a eliminação dos frágeis. Não restem dúvidas de que toda a vida humana é digna de ser vivida.

Os raios de Sol primaveris vão dando azo ao voo das andorinhas. Todavia, as inclemências dos tempos que vivemos deixam cair algumas criaturas indefesas, dos seus beirais.

Rasgada a terra com a relha do arado, os grãos de milho caíram escondidos nos torrões negros, e vão aproveitar a chuva que entretanto caiu. Qualquer sementeira, com a nossa proximidade, há-de frutificar e chegar também para os que não têm eira nem beira.

O João, afinal de Santarém, desfeito o seu ninho há mais de três anos, ficou preocupado e muito encantado ao ver o aconchego do ninho de andorinhas. Este é também um sinal simples do calor humano que deve irradiar no mundo com o Fogo que foi ateado na Terra pelo Espírito criador! □

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Maio, 44.050 exemplares

SINAIS

Padre Telmo

Contentor

NO refeitório da antiga Casa do Tojal, muitas vezes, o Prof. Duarte me indicou os «Batatinhas»: «Veja aquele apetite. Autênticas betoneiras!» Posso dizer o mesmo dos nossos mais pequenos de Malanje. Os seus olhos de alegria devoram as travessas fumegantes.

Os géneros alimentares são tão caros em Angola...

«Não cultivam?» Alguém me perguntou.

«Os rapazes não comem somente fuba e couves», respondi.

Despacharei mesmo um contentor. O nosso orientador, Padre Júlio, já concordou.

Vieram já em nossa ajuda: Padre Acílio, com 500kg de atum e roupas de criança. Meu companheiro malanjino, Alfredo M. Gonçalves, com mil euros. Casal Caldeira, com muitos lençóis. Alguns meus companheiros e amigos malanjinso já fizeram um depósito no BPI: 9-0158273.000.001, Obra da Rua, Casa do Gaiato de Malanje.

Que o Senhor vos abençoe.

* * *

À saída de Malanje, um velhinho já vergado pelos anos, fez-me alto. Parei. Pediu uma boleia para o Lombe. Sentou-se a meu lado e começámos o diálogo.

Que era soba na sanzala no quilómetro onze, e tinha lá a sua família, as suas lavras e vivia em paz com o seu povo.

Simplicidade e alegria no seu olhar vivo!

Que eu era o padre do Gaiato e vivia na Carianga. Nos Domingos visitava e dizia Missa nas sanzalas do Lombe, mas ainda não tinha ido à capela do onze.

Ele também queria, pois eram cristãos, ele e o seu povo.

Concordei.

Dei boleia ao velhinho até ao onze. Parámos no largo junto da sua cubata.

Que esperasse um momento, pois me queria dar um presente. Desci e fiquei seduzido pela alegria contagiante das crianças. O meu velhinho veio coberto de ternura com as mãos em concha e nelas dois ovinhos de franga. Como se fossem dois ovinhos de oiro, comovido, os recebi.

Palmas e sorrisos na despedida... Na minha alma, duas lágrimas de comoção.

PS.: Os teus dois ovinhos de ouro vão encher o contentor. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

Cinquenta, todos os meses, do Afonso, de Coimbra, e da Maria Susana, de Castelo Branco. A Joaquina mandou, duas vezes, dez euros, e não sei quanto de outra vez. A Graziela, duas vezes, trinta. A Lúcia, com carinhoso cartão, mandou cinquenta; e o mesmo daquela Senhora que já deu todo o seu ouro aos Pobres.

Dois mil e quinhentos, de Santa Clara, de Coimbra, de Gondomar, de um sacerdote da Diocese de Coimbra; e mais trezentos, da mesma cidade, pelo senhor Padre Manuel Mendes.

Mais dois mil, da Maria Cármem, de Lisboa; e mil e quinhentos, da mesma cidade. De Braga, oitocentos; da Senhora da Hora, cem; e o mesmo da Rua de Pedrosos, de Lisboa. Maria Amélia, de Cascais, repetiu a mesma dádiva duas vezes. Igual quantia da Urbanização do Loreto; do Adelino, de Coimbra; de Maria Ana, de Lisboa; dum antigo gaiato, de Ponta Delgada; de Arcozelo e de Queluz.

Quinhentos, de Santa Luzia, de uma «médica causticada» que me adverte de eu poder cair no conto do vigário e ser levado. Agradeço o que me diz, mas pode ficar descansada que o meu calo de vida me leva a acreditar só no que vejo. Não vou em choros nem em lágrimas. Quando elas surgem, infelizmente, também me arrasam, mas vou sempre certificar-me.

Nesta fileira dos 500, aparece o Óscar, de Macedo de Cavaleiros; uma cunhada da Maria Luísa; o Ramiro, de Guimarães; Maria João, por três vezes; e a Maria Julieta, de Leiria. A Fernanda e a sua amiga, de São Pedro do Sul, enviaram-me 750; e o mesmo, a Maria Luísa, de Lisboa. Cento e cinquenta, da Avenida do Uruguai, com saudações amigas.

Deixei para o fim o grupo da Presa de Mira que me suscita saudades e manda 70 euros «para podermos colaborar um pouquinho na espinhosa e difícil missão que o Senhor Nosso Deus lhe confiou». As transferências bancárias vão caindo, na conta do Património e o Banco manda-nos nota. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

No regresso das andorinhas

A descoberta pelos mais novos da beleza da Criação é uma vertente educativa a não descurar, na vida hodierna, em que se revelam também as suas capacidades.

O João Madeira, reguilaço, nos seus 8 anitos, é bom servente da mesa dos pequenitos e delira com a bola. Finório, num Sábado, sobrou-lhe tempo com outros para correr os cantos da quinta da Casa.

Eis que o encontrámos, lampeiro, emoldurado por rosas de belos matizes a deixar o átrio da despensa com ar de comprometido. E, naturalmente, disse-nos o que tinha acontecido: — *Foram ao ninho das andorinhas!*

Por outro lado, a abençoada chuva também foi ventosa, pelo que deitou por terra alguns passarinhos mais desprotegidos e frágeis, que os temos visto caídos no chão, sem penas e inertes, o que incomodou muito o Aliú, benjamim da Família, e outros pequenos, quando viram tal cenário de amargura.

Naquela situação, não constatámos estragos. Curiosos, os garotos colocaram um cepo para verem melhor tal canseira daquelas avezinhas de arribação, que nos honraram de novo ao subir

a temperatura. O dito ninho fica próximo dos currais, abrigado das intempéries e discreto. Depois das galinhas, também as andorinhas se vão recolhendo seguras, suspendendo os seus voos acrobáticos e que espantam a miudagem.

A harmonia e a liberdade natural destas criaturas podem dar lições também à gente nova, melhor do que certa *internet*.

Vamos ficando apreensivos, mas não derrotados, com os subreptícios poderes de certas forças nos Estados sobre as vidas humanas, cujos excessos têm levado ao seu desprezo.

Por mor daqueles que habitam debaixo destas telhas e de outros que gemem, e que vamos conhecendo, temos saltado e corrido *seca e meca*, também em serviços estatais, não reclamando benesses, mas ao encontro de pobres e acompanhando menores de famílias disfuncionais, como criados num Estado a perder de social, pelas crises profundas e a baixa de natalidade.

Há dias, atiraram-nos à cara: — *Fazem mal em não ter acordo com o Estado...* Se nem sempre estamos de acordo com o que vai nos Estados das nações, o vínculo na Igreja acima de tudo é a

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

A vida desta Casa vem dando uma volta muito grande. Sem alterar a pedagogia que Pai Américo nos deixou, ao fim de anos a lidar com rapazes da rua, estamos a granjear o pão de cada dia, de porta em porta, como fez, na caminhada inicial. Quando muitos pensam que a Obra está desactualizada, somos, com muita honra, apanhadores de lixo para reciclagem, como sempre. A pobreza é desumana, os tempos historicamente bárbaros. Saques e assaltos, trabalho escravo rotulado em números de dívida, para garantir ganhos e ganâncias, guerras e estratégias de derrube de poder, nos países chamados de economia emergente. Gatos e cães, uns para os outros. No dinheiro é que está a salvação. Até se atrevem a criar paraísos para esse deus novo, mas um deus em que podem mandar.

Não está fácil gerir a nossa Casa. Entranhadamente vivendo uma doação por inteiro aos rapazes, exteriormente rotulados de empresa. Todos os Rapazes que fazem a décima classe passam a estudar fora, noutras instituições com Cursos Técnicos reconhecidos pelo Governo. Muitos dão acesso à licenciatura. Temos este ano cinquenta e dois a somar aos cento e cinquenta em Casa. Há que pagar residência, propinas des-

locações, alimentação e despesas escolares. Poucos estão em casa de familiares que, com a prática de lidar com abandonados, vamos descobrir. A esses só não pagamos alojamento, mas têm de voltar à esteira que lhes custa muito. É a necessária adaptação à vida real, caldeada com a responsabilidade de administrar o dinheiro que lhes é atribuído. Se perdem o ano, perdem tudo. Em férias só poucos vêm a Casa. Procuram trabalho, ou própria escola, onde têm de colaborar na autossustentação. É-lhes atribuído um cargo que desempenham com primor para serem exemplo dos mais novos. Tudo normal numa Casa de Família como a nossa, onde todos passam por todas as tarefas.

Ai de nós sermos de outro modo. Seríamos uma instituição para funcionários em detrimento da formação dos rapazes. Mas acontece que também os temos e aí o Código de Trabalho dá importância exclusiva ao trabalhador e não ao rendimento e assim se vai mantendo a mediocridade e nunca a prosperidade. E penaliza duramente qualquer deslize, mesmo quando há prejuízo para aqueles a quem devem servir e não prejudicar. Somos considerados uma empresa.

Com a experiência, só fazemos,

agora, contratos a prazo. Sob pena de ter grandes despesas, se é preciso despedir alguém. E nestes dois anos passámos de quase quinhentos trabalhadores a cento e cinquenta. Isto antes de adquirirmos o estatuto de *Fundação Encontro*, para o desenvolvimento das populações e o de *Associação para a Obra da Rua* — *Casa do Gaiato de Maputo*. Acabámos por dessacralizar a Obra da Rua. Chegámos ali com o coração dilacerado pela situação do Povo, a quem servimos até ao limite e, agora, oficialmente, somos como uma sociedade comercial, por mais que o estatuto que a rege procure declarar o espírito de serviço que nos move. Confesso que, como cristão comprometido numa vida de amor ao próximo, dilatada ao extremo pela Fé, a fim de dar um testemunho da presença amorosa de Deus a pessoas tão sofridas e ainda sem horizontes, me sinto desacreditado e perdido. Digo a minha verdade: ninguém acredita em mim como padre e olha-me como homem, somente. Quem me dera ao fim destes cinquenta e seis anos apaixonado pela Obra da Rua, ir para o deserto como o Padre Foucauld no meio dos Tuareg, sem perturbá-los ou querer trazê-los a mim para os levar até Deus, mas simplesmente, com Deus em mim ir até eles e ser como um deles, afinal como Cristo fez e ainda tem quem o faça. □

BENGUELA

Padre Manuel António

COMEÇO a escrever-vos, depois de atender o pai com o seu bebé ao colo. Estava doente e não tinha dinheiro para o levar à consulta. Foi uma cena bonita e elevada. Um autêntico ramo de flores, num ambiente social, em que uma porção muito grande de filhos são abandonados pelos pais! Deste modo, a porta da rua, da exclusão social, abre-se facilmente para a desgraça e a marginalização destas crianças. É necessário que as forças vivas da sociedade mostrem o seu amor verdadeiro, ajudando a curar o mal na raiz. A Igreja tem um papel insubstituível na formação da juventude. As autoridades civis não podem cruzar os braços perante situações tão desumanas. Os culpados devem ser chamados a prestar contas. As crianças são as vítimas inocentes do abandono. Por isso, ver este pai com o seu filho doente ao colo a pedir ajuda é a chave que abre o coração com alegria. Foi-se e há-de voltar com a receita para levar os remédios. Poucos momentos antes, outros doentes seguiram o mesmo caminho. Os cuidados da saúde de mais duma centena e meia de pessoas estão directamente dependentes da nossa capacidade. É uma das bases da sobrevivência dos mais pobres. Quem nos dera poder garantir sempre a confiança e a segurança destas vidas, radicalmente inseguras!

Aproxima-se a celebração do dia mundial da Criança. O mês de Junho, no seu primeiro dia, mostra o tesouro escondido no coração de cada criança. Onde está a maior riqueza duma Nação? Nos seus filhos! Qual o significado desta riqueza? Que seja uma família em que as crianças ocupem um lugar de privilégio, ao jeito dum valor absoluto. O amor verdadeiro prova-se pelo dom da própria vida, ao longo de cada dia. Este é o autêntico remédio para a morte que pode ter muitos nomes. A Ressurreição, a vida nova do nosso mundo, começa no dom das nossas vidas, por amor, aos filhos, às crianças abandonadas. Vamos subindo, deste modo, pelo caminho que nos leva a todas as idades. Quem dera sejamos corações ressuscitados, cheios de Vida Nova, para guiar, animar e transformar o mundo real em que moramos.

Dentro de momentos, vai chegar a mulher, abandonada pelo marido, acompanhada pelos seus três filhos, para viverem na nossa Casa do Gaiato. É deficiente nas suas capacidades. Os filhos necessitam de tudo para serem homens, cidadãos normais na sociedade. Não frequentam a escola. Vamos ajudá-los. Pai Américo escolheu um objectivo para o seu projecto educativo: «Ajudar cada rapaz a ser um homem». Que maravilha! Cada filho é ajudado a descobrir a riqueza de valores que tem na sua pessoa. É ajudado a pô-los a render. Não é substituído, de tal modo que, se não quiser colaborar, não é possível ajudá-lo a ser um homem. A educação autêntica assenta nesta base. Aliás, as ciências humanas positivas, que Pai Américo não estudou, mas intuiu, são testemunhas desta verdade. É o dinamismo participativo, como parte integrante e insubstituível da educação autêntica. Uma condição é indispensável: O acompanhamento. É o segredo do êxito, como a sua falta é o segredo do fracasso. Os pais e todos os educadores devemos reflectir com muita responsabilidade.

A Cidade de Benguela celebrou o seu aniversário de nascimento, no dia 17 de Maio. São 395 anos! A Casa do Gaiato de Benguela recebeu uma prenda: Alguns sacos de arroz, caixas de massa e outros bens alimentares. A Miss Angola, acompanhada da Miss Benguela, em representação da Associação Acácias Rubras, com alguns dos seus elementos mais representativos presentes, fizeram a respectiva entrega. Foi um acto de amor que ajudou o significado mais rico da celebração da Festa. Sem amor pode haver muito brilho, mas falta o melhor. Quem dera a Festa seja cada vez mais bonita, nos anos vindouros. Parabéns, Cidade de Benguela, que acolheste, com todo o coração fraterno, a nossa Casa do Gaiato, há mais de 48 anos! □

«CUIDADOS DE SAÚDE — LUGARES DE ESPERANÇA»

Padre João

FOI subordinado a este tema que decorreu, em Fátima, de 2 a 5 de Maio, o XXIV Encontro Nacional da Pastoral da Saúde. Um vasto e acreditado painel de prelectores conferiu-lhe um elevado nível; um dos temas mais preocupantes — senão mesmo fracturantes — do momento social e eclesial da actualidade. A Saúde está na agenda, de forma pertinente.

Monsenhor Feytor Pinto, Coordenador Nacional da Pastoral da Saúde, foi a *alma-mãe* deste encontro, tendo aglutinado peritos de várias áreas do saber com as quais se cruza tão intrincado e vasto tema numa linha de convergência que vai das questões económicas (como as taxas moderadoras) no contexto da crise social que atravessamos, até à compreensão da «hospitalidade como conceito fundamental do hospital...»

Frequentemente se ouviram e dissecaram exaustivamente termos como, compaixão, escuta, humanização até à consideração do afecto «como arma terapêutica...».

Alguém interpretou o logótipo do encontro desta forma sugestiva: «Dentro e fora destas portas a inovação é palavra-chave. É preciso colocar-se na pele do 'outro' e criar estratégias de proximidade. A pessoa é mais que a doença. — 'Olhem para mim...'», dizia D. Júlio, o antigo e falecido Bispo do Porto, no seu leito de enfermo aos profissionais que discutiam acerca do seu diagnóstico...».

Pareceu-me, de entre todas as prelecções, de suma importância ao tema, a do Coordenador Nacional das capelanias hospitalares.

O Padre José Nuno deteve-se inicialmente na semântica da palavra grega «asthenês», que signi-

fica «doente», frágil, debilitado... introduzindo, de imediato, uma pergunta: «Quem são estes...?» E logo de seguida uma outra: «Até que ponto é necessária a Pastoral da Saúde como expressão da Igreja?» Partindo do Preâmbulo da «Gaudium et Spes», do Vaticano II, foi iluminando as questões colocando a Pastoral da Saúde no âmago das preocupações da Igreja, concretamente no que diz respeito ao testemunho de proximidade, aos idosos e aos doentes, como um testemunho altamente valorizado, social e evangelicamente convincente.

O que as pessoas valorizam na Igreja Católica «é a esperança na hora da morte», acentuou. A Igreja abraça todos os que sofrem e oferece-lhes cuidados que curam e salvam. O perfil eclesial manifesta-se maximamente na Pastoral da Saúde, segundo a dinâmica do Evangelho: «Jesus ensinava e curava as multidões...». «A compaixão constitui, portanto, o momento preliminar da Igreja. É preciso conhecer a compaixão de Jesus. O nosso lugar na Igreja é dar corpo à compaixão de Jesus. Pregar e curar, são constituintes da intimidade da pregação», enfatizou. Correlativamente, a responsabilidade desta missão extensiva a toda a Igreja, é expressa pelo verbo grego «episcopos» no sentido da mais pura tradição bíblica, para a qual, «ver» significa visitar, cuidar, à semelhança de Deus que é o Pastor do Seu povo; que o acolhe com amor e ternura — como pastor ao Seu rebanho.

«Este tempo, é tempo de compaixão. Não temos jovens», lamenta-se «mas temos velhos e idosos...» «os jovens regressarão pela proximidade e ternura que manifestarmos para com aqueles...».

«A Pastoral da Saúde é a maior parábola que a Igreja proclama. Falhar na Pastoral da Saúde é falhar no Evangelho, é falhar no encontro com a História», acentuou. Recordando João Paulo II, aludiu à «fantasia da caridade», como força mobilizadora da inovação... E, de Bento XVI, reforçou a necessidade de redimensionar o coração, como «um coração que vê», na linha da parábola iconográfica do Bom Samaritano. □

MALANJE

Padre Rafael

«Quem me conhece cumpre o meu mandamento...»

MUITAS pessoas que visitam a nossa Casa, perguntam de qual congregação somos e se pertencemos a algum instituto. A resposta é sempre a mesma: «Somos padres da rua». Evidentemente perante a cara de assombro, continuo: — *Somos padres diocesanos, como os das paróquias, que nos sentimos profundamente comovidos pelas pessoas que sofrem e vivem desamparadas (crianças, doentes, velhinhos...).* Como padres, constituímos uma família que tem o nome de Obra da Rua. O Padre que a fundou, foi o Padre Américo e, posteriormente, foram-se-lhe unindo outros Padres diocesanos com esse amor pelos Pobres.

Às vezes as coisas são tão simples que dizer algo é complicá-las. Em nenhuma Diocese falta um padre que tenha esta vontade de acolher os que sofrem e abrir-lhes a porta da sua casa para lhes oferecer um ambiente saudável

que os possa arrancar aos laços da pobreza. Quando me colocam a pergunta de se não há mais padres da rua, sempre me vem a mesma resposta: — *Há centos de padres da rua, sem o saberem.*

Aqui, em Malanje, acolhemos e trazem-nos crianças que, na sua maioria, vivem na rua, órfãos, deficientes, desprotegidos... Para eles formamos esta família e propusemo-nos fazer as vezes de pai: protegemo-los e cuidamo-los para que não lhes falte comida, roupa, saúde, educação e o carinho necessário para serem homens com maiúscula. Por isso nos afligimos todos os dias, como qualquer pai de família.

Vem-me à memória o meu irmão e Padre Ignacio, que andava sempre a atender os presos e recebia em sua casa, em San Pablo, muitos pobres que não tinham onde cair mortos. Cesar Royo, que viveu tantos anos com os ciganos e criou

vários órfãos em sua casa. José Luís Palacios que depois de viver com os índios, no Equador, recebia os emigrantes em sua casa e oferecia-lhes tudo... Tantos e tantos padres diocesanos que sentem no seu corpo as dores daqueles que vivem na rua e lhes abrem as portas da sua casa. Tantos e tantos que, em momentos da sua vida, foram criticados por receber tantos *Lázarus* estendidos nas ruas das suas Dioceses.

Os padres da Rua sentem-se profundamente diocesanos e apaixonados pelo Evangelho dos Pobres. Aquele que se lê no dia-a-dia, quando acolhemos uma criança que saiu da miséria, quando se limpa o corpo de um parapléptico estendido na sua cama, quando se salva um jovem da droga ou se escuta uma mulher deixou a prostituição... Aquele Evangelho que ressuscita os Pobres e lhe dá a dignidade de pessoas. □